

## Eucalipto: a monocultura das mentes

### Author(s):

[João Camargo](#) <sup>[1]</sup>

### Show Author Info?:

0

Tem sido repetida perentoriamente na última semana a afirmação, em relação aos incêndios florestais, de que "o eucalipto arde tanto como qualquer outra árvore ou arbusto da nossa geografia". O objetivo desta declaração é dizer que a composição das espécies na área florestal não tem impacto nos incêndios e que, portanto, não há nenhum motivo para introduzir qualquer restrição à expansão da área de eucaliptal em Portugal.

O objetivo da primeira afirmação é levar a um raciocínio do tipo "nós sabemos que uma grande parte do território não tem eucalipto e que o eucalipto é o que menos arde, portanto, o problema não é do eucalipto". Há um problema grave no entanto, quer com a primeira afirmação, quer com a segunda: não são verdade. O eucalipto não arde tanto quanto outra árvore ou arbusto da nossa geografia: arde mais. E o eucalipto ocupa cerca de 30% da área florestal. Portanto, uma grande parte do território tem eucalipto.

A afirmação inicial fala principalmente das ignições e combustibilidade do eucalipto, do pinheiro-bravo e dos matos, para a partir daí dizer que o eucalipto arde menos do que o pinheiro-bravo e que os matos. Ora, há vários problemas nessa afirmação:

- Compara uma espécie em regressão de área (o pinheiro-bravo, com provavelmente menos de 700 mil hectares), com uma espécie em expansão de área (o eucalipto, com mais de 900 mil hectares);
- Compara espécies espontâneas e não plantadas (matos) com uma espécie plantada, subsidiada e absolutamente dominadora nas áreas florestais em Portugal (o eucalipto, com mais de 9% da área do território nacional);
- Aparentemente apenas há três possibilidades nas áreas florestais na nossa geografia: eucaliptos, pinheiros-bravos ou matos.

Assim, todas as outras possibilidades de espécies florestais - carvalho roble, negral, sobreiro, videiro, castanheiro, figueira, aveleira, alfarrobeira, azereiro, loureiro, azevinho, medronheiro, pereira-brava, oliveira, aveleira, amoreira, entre outras, e/ou combinações das mesmas - não são comparadas com o eucalipto, porque aparentemente nem são uma possibilidade real? Todos os estudos produzidos nas últimas décadas, que atestam a maior combustibilidade e ignições do eucalipto em relação a outros tipos de espécies florestais em Portugal - folhosas, coníferas não-especificadas, montado de sobro, florestas de castanheiros, de azinheiras, de pinheiros-mansos - aparentemente são irrelevantes.

A afirmação "o eucalipto arde tanto como qualquer outra árvore ou arbusto da nossa geografia" não tem direito a recurso nem apelo. É a velha teoria do "não há alternativa" aplicada à floresta. A monocultura das mentes. Uma floresta só serve para produzir lenho, a biodiversidade, a conservação de solos e água, os outros usos são utopias.

Mas a floresta portuguesa perdeu cerca de 10 mil hectares de área por ano nos últimos 25 anos, perfazendo uma regressão de 254 mil hectares. Nesse mesmo período, a área de eucaliptal ter-se-á expandido cerca de 150-170 mil hectares. Temos cada vez menos floresta e cada vez mais eucaliptal. Da Universidade da Tasmânia, na Austrália (origem do *Eucalyptus globulus*), há também especialistas que nos dizem que o eucalipto evoluiu para arder e queimar a concorrência, expandindo a sua área através dessa estratégia. Os dados empíricos em Portugal parecem confirmar essa teoria.

Felizmente, apesar do *soundbyte* falso e repetido, há pouca discordância sobre algumas questões: o eucalipto arde rapidamente, produz uma grande quantidade de biomassa altamente combustível (e quanto maior a densidade das árvores, mais biomassa concentrada) e projeta material incandescente a quilómetros de distância. Os únicos locais onde não arde tão violentamente são as áreas bem geridas e protegidas pelas celulosas - menos de 200 mil hectares - mas é nos restantes 700 mil hectares, que fornecem a matéria-prima para a indústria, que se expressam as características mais combustíveis do eucalipto.

A ideia de inevitabilidade de uma área florestal dominada pelas celulosas e pelo eucalipto prende-se com a noção de que é a única espécie rentável. Esta noção de rentabilidade exclui o impacto ambiental do eucalipto sobre o território e sobre as populações, incluindo os próprios proprietários. E se fosse mesmo rentável, teríamos o abandono que hoje existe? E seria "rentável" sem tantos apoios públicos, diretos e indiretos? A pergunta não pode ser só se o eucalipto é rentável, tem de ser se o eucalipto, ou quaisquer outras monoculturas, são adequadas a um território que já arde mais do que qualquer outro na Europa e que verá nas próximas décadas a temperatura aumentar e a humidade a reduzir-se.

*Artigo publicado em [sabado.pt](#) [2] a 30 de junho de 2017*

## **Sumário da Home:**

A floresta portuguesa perdeu cerca de 10 mil hectares de área por ano nos últimos 25 anos. Nesse período, a área de eucaliptal ter-se-á expandido cerca de 150-170 mil hectares.

### **Lead:**

A floresta portuguesa perdeu cerca de 10 mil hectares de área por ano nos últimos 25 anos. Nesse período, a área de eucaliptal ter-se-á expandido cerca de 150-170 mil hectares.

### **Sobre o/a autor(a):**

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)

- Ficha Técnica

---

**Source URL:** <http://www.esquerda.net/en/node/49498>

**Links:**

[1] <http://www.esquerda.net/en/node/29804>

[2] <http://www.sabado.pt/opinioao/convidados/joao-camargo/detalhe/eucalipto-a-monocultura-das-mentes>